

ATUALIZAÇÃO DO PASSADO

RIBEIRO, Renato Janine. **A última razão dos reis**: ensaios sobre filosofia e política. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

No primeiro parágrafo do capítulo 3: Lorenzo Valla e os inícios da análise de texto, encontramos uma afirmativa sobre uma das formas de se posicionar diante de um texto: ... "reconhecendo a historicidade de cada obra a ler, igualmente reconhecem que sua própria leitura também se data, também se limita (...) a um encontro entre um leitor e uma obra, fortuito ou inesperado".

O encontro com este livro se deve em parte à leitura do prefácio onde encontramos palavras caras e necessárias como ética e felicidade, bem como a preocupação central do Autor: a possibilidade de criar o novo; estudar o passado verificando o quanto ele nos serve e em que sentido continua a nos governar.

O passado estudado é o antigo regime e os tópicos escolhidos são: A fortuna aristocrática, A morte em D. Juan, Lorenzo Valla e os inícios da análise de texto, O discurso diferente, O discurso "moraliste", História e soberania (de Hobbes à Revolução), O novo e o pathos (em torno do Dezoito Brumário).

No capítulo: "O discurso diferente" se fala de Foucault, um autor de outro tempo, mas existe uma ponte que nos faz vislumbrar o que há de comum entre o discurso do autor contemporâneo e os autores "moralistes"; sem dúvida, o inesperado do texto.

No discurso "moraliste", somos chamados até a corte para entendermos como se processa o conhecimento "moraliste". Os "moralistes" procuram o que há por detrás das aparências. As

palavras são tidas mais pelos seus efeitos que pelos seus conteúdos. São lidas esteticamente, pois consideradas enquanto máscaras.

Nesse tipo de discurso não há diálogo. Isso significa que as palavras não são as mesmas coisas para os dois lados. Quem profere acredita, quem escuta se recusa a acreditar. As palavras valem pelo que elas encobrem.

O conceito de máscara é aqui usado no sentido de dissimulação, que encobre e ao mesmo tempo desvela o sentido do discurso. Para se atingir tal sentido é pois necessário "destruir" o dispositivo que sustenta a máscara. Isto não pode acontecer através de interlocução, pois..."para efetivar o novo seria preciso desmontar a cumplicidade dos discursos dominantes com os canais por que eles procedem e com o dispositivo que os constituem" (p.95).

O problema deste tipo de pensamento é que ao negar uma estrutura de poder corre-se o risco de instaurar um procedimento autoritário, pois nega-se ao outro a interlocução.

Fica conosco esse dilema.

Numa das passagens do texto sobre a distinção entre interpretação de mundo do autor "moraliste" e a pretensão de transformá-lo, Ribeiro aponta que as dificuldades em distinguir esses momentos residem mais nos leitores atuais que nos autores. Essa passagem, sem aludir, especificamente, faz lembrar a vulgarização do complexo de Édipo.

Freud cronologicamente se encontra noutro tempo do que aquele que está sendo analisado, mas é parte fundamental do texto pela sua atualidade e pela psicanálise ser um tipo de discurso "moraliste".

A propósito, a corte era considerada como um laboratório de psicologia e sua mitificação e teatralidade se repetem no nosso tempo.

..."nenhuma sociedade já se mostrou mais mistificadora, de maneiras tão variadas, que a nossa, saturada como é de mensagens e informações, que são os próprios veículos de mistificação" (Jameson, 1992, p.55).

Finalizando o comentário deste capítulo devemos dizer que na página 94 onde está escrito Yi King, leia-se I CHING; ou seja: o livro chinês na tradução inglesa é denominado Yi King e na tradução brasileira como I CHING.

O capítulo I trata da fortuna e da maneira que o aristocrata lida com ela. Após a bem efetuada descrição histórica, característica de todos os capítulos, alça-se o vôo em direção ao acaso.

Diante da fortuna existiriam três posturas a se considerar: a de limitação que requer uma moderação do homem e um consolo espiritual diante do fracasso; a alteridade que consistiria em ações para alterar a sorte e a maneira que o aristocrata tem de lidar com a fortuna, aceitando-a como uma dimensão do ser.

Certamente é a parte mais apaixonante do livro, pois fala do antigo que há em nós, de forma surpreendente.

Em "A morte de D. Juan" o autor nos aponta os dois mistérios do mito: o do conquistador e o do conquistado. Assinala que na nossa sociedade o mito perdeu seu segundo mistério que é a morte, "pois a excluímos de nosso território de convívio,..." (p.53).

Mais uma vez sem forçar a aproximação, temas antigos são atualizados.

O capítulo 6: "História e soberania (de Hobbes à Revolução)" trata de assuntos como história e transformação, soberanos e revolução francesa. Nesse capítulo a nosso ver, aos olhos do leitor comum, há uma conclusão incompleta quanto à concepção histórica, nome dos países e conseqüências psicológicas.

Segue o trecho em questão: (p.118).

"O problema da indiferença, porém, é que por um lado ela pressupõe que a sociedade e o Estado tenham chegado a uma certa redução das diferenças, das tensões sociais - processo historicamente bastante demorado, e que só recentemente se pode dizer tenha-se realizado, e ainda assim em poucos países, os do Atlântico Norte -, e por outro ela não libera forças na direção do social, represando-as no indivíduo".

O livro certamente interessará aos estudiosos de ciências humanas e ao bom leitor adulto não vinculado a estas ciências, pois

faz pensar e constitui-se numa leitura agradável. Cada capítulo é independente, o próprio leitor organiza sua trajetória.

Concluindo: "Talvez o que possa ser relativamente novo, numa retomada destes temas éticos, seja o sentido histórico, premente até, que a eles agora se propõe: não se trata prioritariamente de ver como funcionam os homens, em sua busca da opressão e da infelicidade (velho topoi moralistas), - mas de examinar como ajustaremos as contas com o passado e como, por que vias difíceis e ainda necessitando ser criadas, construiremos um futuro, construiremos uma liberdade" (p. 11).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

JAMESON, F. **O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico.** (public. orig. 1981). Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo, Editora Ática, 1992.

Maria do Rosário de Fátima Rodrigues
Mestranda em Psicologia Escolar - PUCCAMP